

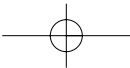
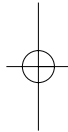
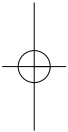
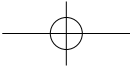


Juventude e Trabalho



Ministério
da Educação





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC

Sumário



TEXTO

1. Para quem não tem experiência	6
2. Cinco dias por dois	8
3. A fome do lobo	10
4. Formación y empleo	13
5. O jovem e o adolescente	14
6. O que é grafite?	16
7. O primeiro emprego	18
8. The british are coming!	20
9. Desempregado, sim, desocupado, não	24
10. De norte a sul	26
11. O aprendiz	31
12. Juventude rural: ampliando as oportunidades	32
13. O trem	34
14. O jovem e suas compras	37

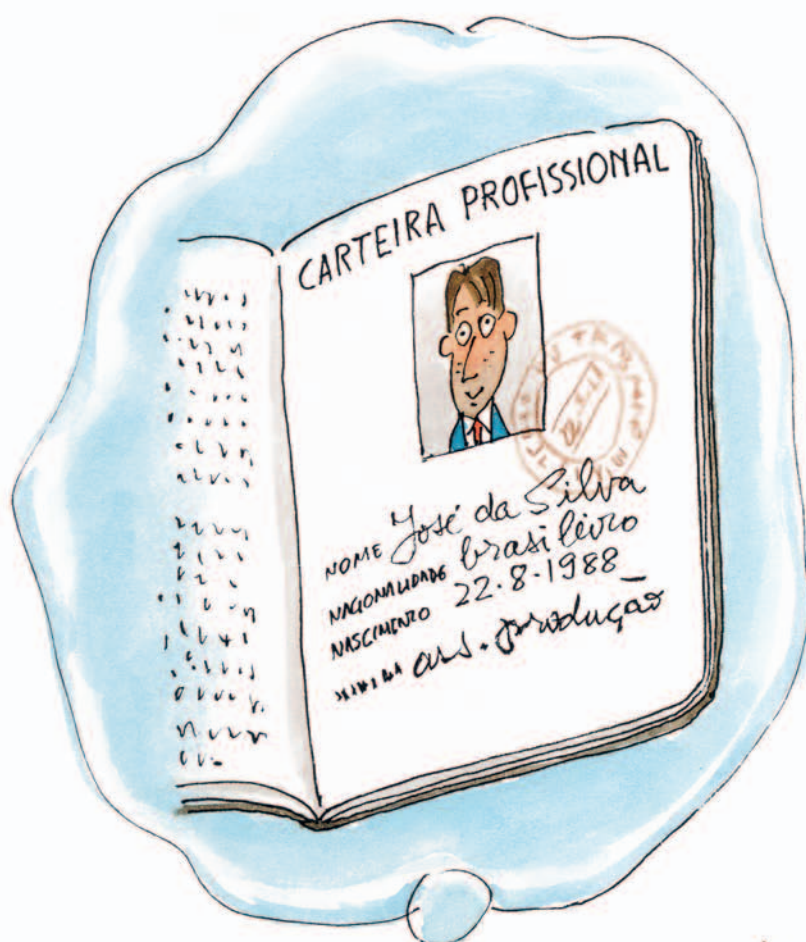


15. Deus-dará	38
16. Procura-se trabalho	40
17. Primeiros passos	44
18. Se liga, mano!	45
19. HIV e trabalho	46
20. Para além dos ovos e tomates	48
21. Mudança de estilo	50
22. Nada é impossível de mudar	52
23. Soneto de juventude	53
24. Conselho nacional de juventude aprova por aclamação carta sobre acessibilidade	54
25. Ensaio: Bruno Miranda	58
26. A redução só complica	60
27. A verdadeira dança do patinho	63



TEXTO 1

Desemprego juvenil



PARA QUEM NÃO TEM EXPERIÊNCIA

Desempregados de até 24 anos enfrentam dificuldades na hora de entrar no mercado de trabalho

Paulo Paim

Pesquisas divulgadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, sobre emprego e desemprego, denunciam que os jovens representam 45,5% dos desempregados, quase metade de todos os desempregados do país.

Segundo o DIEESE, dos 3,2 milhões de desempregados pesquisados nas regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife e Distrito Federal, 1,5 milhão são jovens de até 24 anos.

A população economicamente ativa com mais de 16 anos é minoria entre os que conquistaram um posto de trabalho. A fase mais crítica compreende o período entre os 16 e os 24 anos. Justamente porque é esta a fase da vida que coincide com a conclusão de uma formação e a busca de uma vaga no mercado de trabalho.

Sabemos que a necessidade de uma colocação no mercado de trabalho, muitas vezes, atrapalha e desestimula a continuidade dos estudos, ampliando os números da evasão escolar.

Neste sentido, a pesquisa demonstra que os jovens trabalham com uma carga horária

acima do limite legal, colaborando para o afastamento dos bancos escolares. Além do que, o rendimento recebido pelos jovens varia entre um e dois salários mínimos.

A falta de uma perspectiva profissional para os milhares de jovens brasileiros é um fator preponderante de desagregação social e de aumento da criminalidade. Baseados nestes dados, concluímos que é preciso fomentar a economia brasileira e gerar os empregos de que o país precisa.

Um dos maiores especialistas em desemprego do país, Márcio Pochmann, em uma entrevista dada em 2000, já alertava sobre o assunto dizendo o seguinte:

“Como há pessoas disponíveis e não há vagas para serem ocupadas, isso gera um acirramento da competição no interior do mercado de trabalho. Os postos de trabalho que eram tradicionalmente ocupados pelos jovens estão sendo hoje ocupados por adultos. É por isso que as empresas dizem que o jovem não tem preparação.”

No mundo inteiro, hoje, temos o maior número de adolescentes de toda a história da humanidade. Por isso, precisamos investir nos jovens, promover o seu desenvolvimento, criar perspectivas favoráveis para o seu futuro e apoiar sua participação integral na sociedade.

Adaptado de discurso pronunciado em 14 de setembro de 2006

CINCO DIAS

Rhuna | Composição: Alex Martinho/Rafael de Castro

Carlos é um cara ocupado com a vida
Que rala todo dia pelo pão de cada dia
E não tem tempo pra nada, só estudo e trabalho
Cada hora é apenas mais uma volta do relógio
Que ele olha apressado pra ver se tá na hora da aula do cursinho
Que ele acredita possa trazer uma nova vida
E só deve trazer ainda mais agulhação

Mas quando chega o fim de semana é hora de tudo mudar
Põe a camisa sem manga, expõe a *tattoo* e sai pra provocar

Ele vai arrepiar
Se der mole quebra tudo, quer extravasar
Ela chega e vem pra provocar
Sai de baixo, ele não perdoa, chega junto

Oh, oh, oh, uh, oh, chega junto, fica junto, quebra tudo

POR DOIS

Carolina só estuda o dia todo trancada no seu quarto
O dia passa e nada faz ela olhar o sol
"Eu preciso passar", pensa ela o tempo todo
O *stress* e o sono não importam
A hora corre mas ela nem olha pro relógio
Quando nota o dia já se foi
E amanhã vai ser tudo outra vez

Mas quando chega o fim de semana é hora de tudo mudar
Põe a maquiagem, o vestido colado, e parte pra *night* pra provocar

As máscaras caem no fim de semana
É hora do *show* particular

Extraído do site: <http://rhuna.letas.com.br/letas/513896/>

A FOME DO LOBO

A polícia e a justiça transformam infratores em criminosos e vítimas

Ana Miranda

Amãe me ligou desesperada. O filho estava preso na Papuda, um presídio em Brasília onde ficam os que cometem crimes os mais horríveis, aqueles que perderam os tênues fios que os laçariam para uma vida compreendida, aceita por todos. Ah, aquele rapaz é bom, ele é trabalhador, ele não faz mal a ninguém, é pobre mas não incomoda! Ah, aquele ali é melhor que desapareça, que morra! O rapaz tem cerca de 30 anos, mas é como se tivesse 100 anos, porque muito se gastou. A mãe, essa tem mil anos (o outro filho caiu na droga, como viver num lugar assim e preservar os filhos?). Aos 20, o rapaz envolveu-se com uma gangue que roubava toca-fitas de carros. Mãe e filhos moram na cidade-satélite do Guará, periferia de Brasília, guará é o nome de um lobo, lindo, vermelho de pernas altas e negras, e seu uivo parece o grito de uma pessoa pedindo socorro. Um dia, a polícia bateu na casa daquela mãe atônita, sem recursos de nenhuma espécie, e encontrou no quarto do rapaz peças roubadas. Ele foi preso, sofreu torturas na delegacia – arrancaram unhas das suas mãos e pés, diz a mãe, com a dor de uma madona, mas como se expiasse a culpa de ter um filho errado, de agressor ele passou a vítima, de mãe de um agressor ela se tornou a mãe de uma vítima. Foi bom para ele aprender, ela diz, conformada. O filho foi para a prisão. Um rapaz quieto, que nunca levanta a voz, com cara de sonso.



Como teve bom comportamento, deixaram que cumprisse a pena em casa, e ele não se apresentou mais à Justiça, sendo considerado foragido. A mãe teve um longo e árduo trabalho para recuperar o filho, sem a ajuda de ninguém, só a do próprio filho. Com o tempo foram conseguindo. O filho não arrumava emprego em lugar nenhum, mas passou a vender cachorro-quente na porta de uma escola, a preparar churrascos em sítios, ah, se os burgueses soubessem que o churrasqueiro era um “foragido”, e acabou por comprar ele mesmo uma carrocinha de cachorro-quente, casou, teve filhos, tornou-se um pai, um marido, um trabalhador. Há pouco tempo conseguiu afinal o dinheiro para seu sonho, que era comprar um carro. Encontrou um com preço ótimo e o comprou, mas, quando foi atrás dos documentos, soube que o carro tinha problemas, talvez fosse roubado. Ele e a mãe procuraram a mulher que lhes vendera o carro, ele exigiu o dinheiro de volta, mas a mulher negava que o carro fosse roubado e não quis desfazer o negócio. Ao passar por uma *blitz* numa das ruas de Brasília, o rapaz se lembrou de

Texto 3 / Risco social

sua condição, e sem os documentos do carro apavorou-se, acelerou, tentou escapar. Perseguido pela polícia, detido, acabou numa delegacia. Foi bom para ele aprender, repetiu a mãe. Constataram sua condição diante da Justiça e o enviaram para a Papuda. Então, a mãe me ligou.

Essa história é a história mais comum nas nossas periferias. Com a diferença de que o rapaz foi recuperado para viver na sociedade sem incomodar ninguém, tornou-se uma pessoa útil. O mais comum é que os jovens se enredem cada vez mais na trama do crime, nesse submundo que permeia todas as nossas classes sociais, mas principalmente nos lugares onde os lobos gritam por socorro. Eu soube, dias atrás, que o rapaz conseguiu a prisão domiciliar e está novamente vendendo seus cachorros-quentes e fazendo churrascos, vivendo com a família, mas dorme na prisão. Essa história faz pensar em quantos outros jovens devem estar em situação semelhante, com histórias de vida parecidas, mas sem alguém para lhes dar um oriente. Fiquei sabendo que existe em Brasília uma organização ligada a direitos humanos que trata desses casos, e com muita competência. Existe uma fronteira entre o criminoso e o quase criminoso, digamos assim, e é este último quem mais merece atenção e apoio, não somente as penas alternativas, mas um trabalho diário e extenuante, como o daquela mãe que aprendeu a conhecer a fome do lobo.

*Extraído da revista Caros Amigos nº 91.
Ana Miranda é escritora, autora de Boca do Inferno,
Desmundo, Amrik, Dias & Dias, Deus-dará, entre outros livros.*

FORMACIÓN Y EMPLEO

*Un cuarto de los
jóvenes brasileños
no trabaja ni estudia*

El 27% de los jóvenes brasileños entre 15 y 24 años que vive en las grandes regiones urbanas del país no trabaja ni estudia, según encuestas realizadas en las principales regiones metropolitanas del país.

Muchas veces, a causa de la dificultad de encontrar un empleo, los jóvenes se desaniman y dejan de buscar hasta que la situación del país mejore. Otros pueden estar estudiando en casa o haciendo cursos esporádicos.

Una queja común consiste en la restricción del mercado de trabajo. Sin inserción laboral posible, nunca se tendrá la experiencia solicitada para acceder a un empleo.



GLOSARIO

Acceder. ter acesso a, alcançar algo

Empleo. emprego

Encuesta. pesquisa de opinião

Hasta. até

Laboral. de trabalho

Mejorar. melhorar

Ninguna. nenhuma

Queja. queixa

Extraído do site http://www.ilo.org/public/spanish/region/amprol/cinterfor/temas/youth/rec_dif/jov_bra.htm





Embara muitas vezes tidas como sinônimos, juventude e adolescência têm significados distintos, ainda que superpostos.

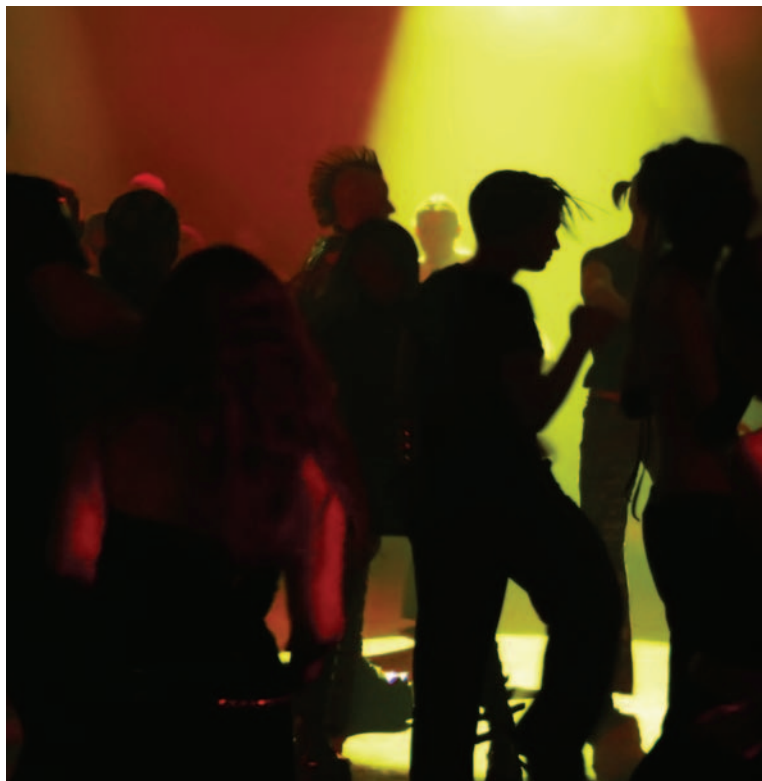
A Organização das Nações Unidas (ONU) define como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende que a adolescência é um processo biológico, que vai dos 10 aos 19 anos de idade, abrangendo a pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos). Já a juventude é considerada uma categoria sociológica que implica a preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, abrangendo a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. As diferenças entre adolescência e juventude, portanto, não se limitam à

idade, mas aos conceitos, demonstrando processos de naturezas distintas.

Mais comum ainda do que falar da adolescência e da juventude como a mesma coisa é se referir indistintamente aos que vivem esses períodos como adolescentes ou jovens. Como se observa em reportagens, em conversas informais e até mesmo em textos teóricos. Também pode ser verificado nas definições encontradas no dicionário *Aurélio*, por exemplo (veja box).

Embora a juventude possa ser considerada uma categoria social que agrupa os que compartilham a mesma fase de vida, é preciso ficar atento à multiplicidade de experiências que se reúnem sob essa denominação. Será que podemos falar numa mesma experiência juvenil vivida por um jovem morador do sertão nordestino, e por



um jovem que reside num grande centro urbano? Certamente não.

A classe social, a condição étnica e de gênero, a presença ou não no mercado de trabalho e na escola, a moradia – urbano ou rural – a situação familiar e a orientação religiosa são fatores que vão diferenciando internamente esse grupo que chamamos de juventude. Afinal, dois jovens negros, por exemplo, que possuam diferentes condições econômicas terão provavelmente experiências juvenis muito diferentes.

Por isso, ao falar das experiências de vida juvenis propriamente ditas, é preciso reconhecer uma multiplicidade – o que nos leva a falar de juventudes, no plural.

Extraído do livro Diálogos com o mundo juvenil / Ana Paula Corti e Raquel Souza / Ação educativa, 2005



Segundo o mestre

Juventude - **1.** Idade moça; mocidade, adolescência, Juventa. **2.** a gente moça; mocidade. **3.** fase do ciclo de um lago na qual este recebe mais água do que perde e por isso tem maior duração.

Adolescência - **1.** O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos).

Jovem - **1.** Que é moço, que está na idade juvenil; juvenil. **2.** produzido ou criado pelos jovens, pela juventude. **3.** diz-se do animal de tenra idade.

Adolescente - **1.** Que está na adolescência. **2.** Fig. Que está no começo, no início; que ainda não atingiu todo o vigor. **3.** De pouco tempo; novo: "Plantei, com a minha mão ingênua e mansa, / Uma linda amendoeira adolescente". (Raul de Leoni, Luz Mediterrânea, p. 65). **4.** Próprio do adolescente: "D. Camila prolongou, quanto pôde, os vestidos adolescentes da filha." (Machado de Assis, Histórias sem data, p. 122). **5.** Pessoa que está na adolescência.

Extraído do site: <http://www2.uol.com.br/aurelio>

O QUE É GRAFITE?

A arte que embeleza ou enfeia as cidades tem origem na antiguidade

Para muitos, o grafite é apenas uma "pichação evoluída". Para outros, é uma arte urbana. O fato é que ele está presente em diversas partes da cidade: banheiros públicos, fachadas de edifícios, muros, casas abandonadas, ônibus, metrô, orelhões, postes, monumentos públicos e outros lugares expostos.

A palavra grafite tem origem na Itália e significa "escrita feita com carvão".

Os antigos romanos escreviam assim, com carvão, manifestações de protesto, ou de qualquer outro cunho nas paredes das construções. Alguns desses grafites ainda

podem ser vistos em sítios arqueológicos espalhados pela Itália.

No final da década de 1960, jovens do Bronx, bairro de Nova York, (EUA), restabeleceram essa forma de arte usando tintas *spray*. O grafite seria uma das três manifestações artísticas do *hip-hop*, movimento nascido nos guetos americanos que reúne outras duas modalidades: o *rap* e o *break*.

Os artistas do grafite costumavam escrever os próprios nomes em seus trabalhos ou chamar a atenção para problemas de ordem política ou questões sociais.

Grafite: Os Gêmeos — Foto: Ruy Fraga





Grafite: Binho — Foto: Ruy Fraga

No Brasil, as críticas ao grafite se devem às pichações de fachadas, monumentos, igrejas, e mesmo de residências. Para reverter esse problema, algumas cidades estão convidando artistas do grafite a participar de projetos que visam embelezar os locais públicos. Por exemplo, a Universidade de São Paulo (USP) decidiu organizar a primeira cooperativa brasileira de grafiteiros, muitos deles ex-pichadores. O objetivo é profissionalizá-los com orientação de professores de artes plásticas e *designers*, de forma a exibirem seus trabalhos em painéis e muros especialmente destinados a esse fim.

Extraído e adaptado do site:

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/desenhista/grafite.html>

Pode-se dividir o grafite em seis modalidades:

Grafite 3D: desenhos concebidos a partir de idéias visuais de profundidade, sem contornos. Exige domínio técnico do grafiteiro na combinação de cores e formas.

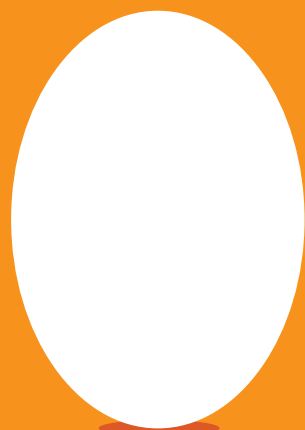
WildStyle: tem o formato de letras distorcidas, em forma de setas, que quase cobrem o desenho.

Bomber: são letras gordas e que parecem vivas, geralmente feitas com duas ou três cores.

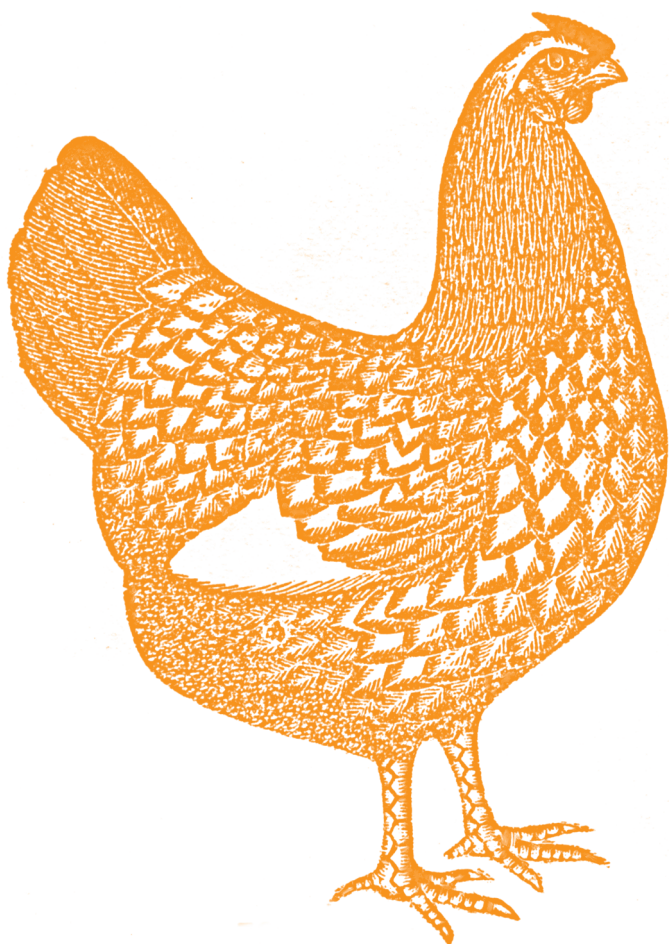
Letras grafitadas: incorporação das técnicas do grafite à pichação. As letras grafitadas representam a assinatura do grupo.

Artístico ou livre figuração: nesse estilo vale tudo: caricaturas, personagens de história em quadrinhos, figurações realistas e elementos abstratos.

Com máscaras e spray: facilita a rápida execução e disseminação de uma marca individual ou de grupo.



PRIMEIRO EMPREGO



Como conseguir um primeiro emprego, quando, naturalmente, não se tem experiência?

Renato Pompeu

Segundo as estatísticas governamentais, os jovens que nunca tiveram um emprego, mas que estão à procura de um lugar no mercado de trabalho, constituem hoje em dia no Brasil a faixa da população em que há maior proporção de desempregados. Pois, para ser considerado desempre-

gado, não basta não ter emprego: é preciso também estar procurando um. E nas grandes cidades se contam às centenas de milhares, senão aos milhões, os jovens que estão procurando seu primeiro emprego.

A primeira dificuldade que esses jovens encontram é que, por definição, não têm nenhuma experiência de trabalho. E, na fila dos desempregados candidatos a cada emprego, sempre haverá, na atual situação do País, uma ou mais pessoas que tenham experiência em atuar no serviço para o qual há vagas. Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, fica mais fácil uma pessoa mais velha conseguir um emprego depois de ter perdido outro, do que uma pessoa mais nova conseguir um emprego pela primeira vez.

Um dos conselhos que são dados aos candidatos ao primeiro emprego é que procurem aperfeiçoar ao máximo a sua formação. Se estão no curso secundário, devem procurar formar-se num dos numerosos cursos profissionalizantes oferecidos por entidades do comércio e indústria e por ramos específicos, como a hotelaria e o *design*. A formação profissional especializada pode suprir a falta de experiência de trabalho, reforçando a situação do candidato no caso de ele procurar emprego numa área para a qual está especificamente qualificado.

Se, porém, os candidatos ao primeiro emprego estão fazendo curso superior, o ideal é que busquem formar-se como mestres e como doutores e que aperfeiçoem os seus conhecimentos de línguas estrangeiras – quanto mais títulos a pessoa acumular, maiores serão suas chances, principalmente nas maiores e melhores empresas, mais exigentes em matéria de qualificação.

Deve-se estar atento para os empregos oferecidos em anúncios de jornais, inclusive os jornais de menor expressão, como os jornais de bairro. Deve-se enviar currículos bem-feitos e atraentes para todos os canais possíveis e imagináveis, inclusive pela Internet. Mas aqui é preciso tomar cuidado. Existem empresas que cobram para armazenar currículos, alegando que os divulgam junto aos departamentos respectivos das firmas empregadoras, numa verdadeira “bolsa de empregos”. Nem todas essas empresas, entretanto, cumprem o que prometem. É mais sensato dirigir-se às próprias firmas empregadoras, ou aos serviços governamentais e sindicais de colocação. Acima de tudo, jamais desistir: insistir sempre em procurar o primeiro emprego, até alcançá-lo.

Renato Pompeu é escritor e jornalista

TEXTO 8

Cultura juvenil

THE BRITISH



ARE COMING!

The rediscovery of the garage music: the elegant and aggressive sound that is beating in the British night clubs

Piers Grimley Evans

In the 1960's an enormous quantity of foreign bands making success in America was known as "the British invasion". Today, the trend has reversed. While American bands occupy a large part of the UK pop market, this year – for the first time since 1963 – there were weeks without any British artist listed in the US top 100. But a new style of dance music, UK Garage, could change things. In the competitive arena of urban music, it has triumphed over transatlantic competition and is currently prepared for global success. Timmi Magic, 1/3 of the influential group of DJs and producers, the Dreem Teem, explains the reason:

Timmi Magic: In the last two years, we've had top tens, number ones and there's been a variety of styles that have changed from basic club music to some-

thing really popular. And I'm sure the rest of the world will like it. If they like vocals, there's vocals there, if they like instruments like bass there's bass line, you know. So I'm sure that the rest of the world is going to like it. Now it's already in Europe. You can hear UK Garage in Amsterdam, in Switzerland, Belgium, places like that, you know, where people like night clubs. So, you know, that's a start out of England but we expect to go to more and more countries and continents.

The Cyprus Sound

The fast beat, big vocals and heavy bass lines of UK Garage were first heard in 1996 on the events of innovative DJs like the Dreem Teem. An underground scene, sustained by illegal pirate radio stations, then popularized from London to major cities around Britain. By the start of 2000, it was regularly in the clubs and many people went to Cyprus every summer to enjoy garage at the vast clubs of Ayia Napa.

Texto 8 / Cultura juvenil



The music is a mix of House, R&B and Drum'n'bass. The attitude, explains Simon Long, the music manager at London radio station, Kiss 100 FM, is new and distinctive.

Simon Long: It's an urban experience. It's an urban attitude. It's lots of different cultures together, lots of different musical styles together, people with different interests, it's not important if it's drum'n' bass, ragga, reggae. It's a predominantly black experience. The attitude is very urban. It's very aspirational too, because people are interested in this music and the DJs like to dress in nice clothes, fashion, etc. This was not common before. You know, you see people going to clubs in suits and they drink the most expensive champagne. It's called "The Bling Bling," you know. It's all about the gold and the flashy jewellery and it's all about image. So I would say that's the attitude. It's streetwise. It's sassy. In that, it's very exhibitionist too.

Not So Solid

In 2002 UK Garage has a higher profile than ever, but it has also attracted a lot of controversy, with the explosive arrival of 30 south London garagists named The So Solid Crew. Until they appeared, UK Garage had more melodic pop music. The lyrics, in the words of Timmi Magic, were about "getting out on the dancefloor". The So Solid Crew produce less melodic music and much darker lyrics. One track includes the expression "to beat your ass up and take you to the morgue". There are rumours of a division in UK Garage and of hostility between successful artists and a confrontational younger generation. Timmi Magic says it is not true, although he has some reservations and critics about The So Solid Crew as a Garage group:

Timmi Magic: We've always believed that any music that's in the name of UK Garage, or anything that we can play on the



dance floor, we're going to support. Some people say, "You know, that the music The So Solid produces isn't really UK Garage. It's more like UK Hip-hop", and I sometimes agree, because the elements that we believed were garage (US Garage, UK Garage and others), are the vocals and melodies, but these songs have more rhythm and breaks and rapping, and that is more related to the hip-hop category. So you never know, maybe it is the evolution of a new type of music. Only time can tell if UK Garage is going to be remembered as a goodtime dance music, or as something darker. The British record industry hopes that young people will be hearing a lot more of both, particularly, of course, in America.

Extraído do site
http://speakup.ig.com.br/stories_b/183_garage.shtml



GLOSSARY

Arrival. chegada

Bass. contra-baixo

Beat. batida, ritmo

Confrontational. agressiva.

Currently. atualmente

Getting out on the dancefloor. soltar-se na pista

Lyrics. letra.

Morgue. necrotério

Sassy. atrevida.

Streetwise. com conhecimentos da rua

Trend. tendência

The flashy jewellery. jóias reluzentes

To beat your ass up. "quebrar sua cara"

DESEMPREGADO, **SIM**, DESOCUPADO, **NÃO**

A iniciativa pode criar ocupações produtivas quando o mercado formal se fecha.

Iara Biderman

Para quem ainda acha que ter trabalho é ter emprego, a explicação de Verônica Sá, 18 anos, é curta e clara: “Trabalho é tentar se organizar de forma criativa para atuar economicamente na sociedade”. Com isso, ela demonstra que há pelo menos uma parte da juventude brasileira que não é apenas produto (ou vítima) da era do “fim do emprego”.

Jovens como Verônica também consideram-se agentes, com direito de optar e criar novas formas de trabalho, nas quais a atividade profissional também proporcione conhecimento e prazer. Parece discurso de quem tem ótimas condições econômicas e, teoricamente, não são pressionados pela necessidade de ganhar dinheiro. Mas, para

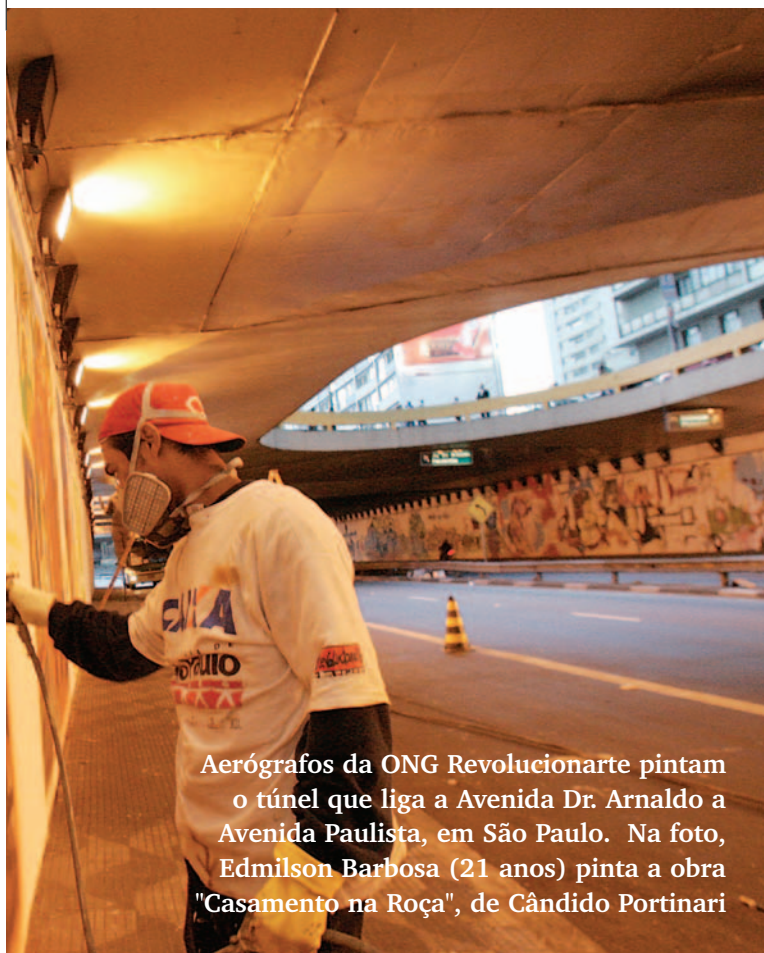


Foto Valéria Gonçalves / AE

a socióloga Lívia de Tommasi, coordenadora do projeto Rede de Juventude, que atua no Nordeste do Brasil, a separação entre trabalho e emprego e a visão de que trabalho deve proporcionar prazer é comum aos jovens de todas as camadas sociais, mesmo as mais pobres. “Eles querem trabalho, sim, não só por causa da necessidade do dinheiro, mas também para crescimento pessoal. Quando peço para que definam trabalho com uma palavra, um adjetivo, o que ouço muito é ‘prazer’, ‘satisfação’, ‘compromisso’.”

Por que a gente tem de trabalhar?

Muita gente acha que é para ter uma participação ativa na sociedade. E acredita nos princípios do trabalho solidário como uma nova forma de participar, de intervir no meio em que vivemos, na comunidade. É o que Verônica Sá pensa e faz: no grupo



Aerógrafos da ONG Revolucionarte pintam o túnel que liga a Avenida Dr. Arnaldo a Avenida Paulista, em São Paulo. Na foto, Edmilson Barbosa (21 anos) pinta a obra "Casamento na Roça", de Cândido Portinari

Conexão Solidária, do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, ela aplica os seus princípios. Estudante de relações públicas, acha que a faculdade que cursa está muito voltada para a área empresarial, e procura, em seu trabalho, romper com as barreiras.

“Por que a gente tem de trabalhar? Para ter uma participação economicamente ativa na sociedade. O trabalho solidário é uma nova forma de participar”, diz.

Para Verônica, o Conexão é um espaço onde ela pode fazer o que gosta, da maneira que acredita ser a melhor. Esse prazer no que faz a ajuda a encarar horários extras aos sábados, domingos, às vezes, noite adentro. “Meu trabalho e minha vida pessoal estão misturadíssimos, não sei onde começa um e termina o outro”, diz. Essa mistura é típica dos jovens que podem estar desempregados, mas nunca desocupados.

Operário da criação

Conciliar períodos de muito trabalho com épocas de quase nada também é comum. “Meu trabalho é prazeroso, mas há momentos em que me sinto um operário, tenho de criar e produzir direto. Mas também, quando quero, fico em casa. O emprego formal me impediria isso”, diz o artista plástico Roberto Carlos Pereira, o Bessa, de 25 anos, que tem um ateliê de bonecos na cidade de Olinda, em Pernambuco. Bessa conta que tirou sua carteira de trabalho aos 16 anos, mas nunca a usou. “Só entraria em um emprego se fosse algo em que acreditasse.”

E se não for artista?

Nem todo mundo vai ser artista, nem este pode ser o único caminho. Porém, um misto de trabalho solidário, criativo e de qualidade pode ser um ótimo caminho. O coletivo Êxitos D’Rua, de Recife, por exemplo, aproveita o talento dos jovens para criar oportunidades de trabalho. Utiliza técnicas de grafiteagem, por exemplo, para produzir camisetas, capas de CD, ou para anunciar *shows*. Com isso, seus jovens e criativos trabalhadores também podem manter uma loja solidária, onde cada um coloca os seus produtos de forma que todos possam comprá-los.

*Extraído da revista Onda Jovem – Ano 1, nº 2, jul/05
Instituto Votorantim*

DE NORTE

Grafite: Titi Freak – Foto: Ruy Fraga



A SUL

Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protesto



Júlia Contier

Não tem mais volta: a tendência é mesmo a expansão do movimento *hip-hop*. Com ajuda do poder público, o movimento ganha força mais rápido; se tiver espaço na mídia, aí nem se fala. No entanto, parece que, se não tiver ajuda de nenhum dos dois, o pessoal se articula e acontece mesmo assim. Achamos o movimento *hip-hop* em todas as regiões brasileiras.

NORDESTE

O Nordeste está bem organizado politicamente. É em Teresina, por exemplo, que fica a sede do MHOB (Movimento Hip-Hop Organizado). A sede, chamada Centro de Referência da Cultura Hip-Hop, é o maior espaço dedicado à cultura no país. Lá acontecem oficinas de MC, a produção de um fanzine e até um pré-vestibular para negros.

Em Recife, o pessoal também está a cada dia mais organizado. O movimento começou a crescer em 2000 e hoje existe a Associação Metropolitana de Hip-Hop, que une todos os grupos locais. Galo de Souza, referência do *hip-hop* pernambucano pela sua atuação política, diz que a

associação pensa ações para estruturar o *hip-hop* na região.

Em Salvador, a infra-estrutura é frágil – os *shows* acontecem em praças e nas escolas – e faltam equipamentos para os DJs e informação sobre o *rap* de outros estados. Mas o movimento vem crescendo e hoje se ouve o *freestyle* – rima de improviso – na saída das escolas, nos intervalos de aulas e até em pontos de ônibus. A batida costuma misturar elementos da cultura negra, é o *hip-hop* afro, como faz o grupo Quilombo Vivo, de Amaralina, em Salvador, que mistura capoeira e candomblé em suas músicas. Outros grupos representativos são: Fúria Consciente, Quilombahia, DGS, Simples Rap'ortagem, Juri Racional, Lica, Os Agentes, Anjos da Rima e Jr-junior.

Em São Luís, a miscelânea é com elementos do folclore, em uma combinação de *rap* com tambor-de-crioula e com tambor-de-minas. O Clã Nordestino, grupo de São Luís, fez uma batida na música *Toada do Clã* que começa com cantoria de bumba-meu-boi, passa para a batida do *rap* e volta para o bumba-meu-boi: uma mistura verdadeiramente original. Eles também misturam *rap* com maracatu. Lamartine, do Clã, explica que a influência é inevitável.

Texto 7 / Cultura juvenil

O grupo de rap *Racionais* mantém um núcleo de apoio à juventude no bairro proletário de Capão Redondo, na periferia de São Paulo.



Foto: Vvi Zanatta

“A gente se criou ouvindo tambor no terreiro das nossas casas, ouvindo cantiga, ouvindo ladainha, até porque a gente veio do interior do estado, então essa convivência com o tambor-de-crioula e o bumba-meu-boi é natural”.

NORTE

O Norte do Brasil também está articulado e unido. Há mais de um ano formou-se a rede Movimento Hip-Hop na Floresta ou MHF, filiada ao MHHOB. O MHF funde a ideologia *hip-hop* com conceitos ecológicos para fortalecer a cultura amazônica. Tem MHF no Pará, Amapá, Acre, Rondônia e Amazonas. Em julho, vai acontecer um encontro chamado Ritual do Hip-Hop da Floresta, em Rio

Branco – vai durar uma semana e definir as diretrizes do movimento, estabelecer uma agenda e agilizar os projetos.

Preto Michel, representante do MHF no Pará, diz que os grupos costumam cantar os problemas de cada região. Em Belém, o grupo MBC fez uma música sobre o massacre de Eldorado dos Carajás; um grupo de Macapá fala da pororoca, o encontro do rio com o mar; e em Rio Branco e Roraima a temática das queimadas é bastante presente.

O movimento valoriza a cultura amazônica, as tribos indígenas, os quilombolas e as populações ribeirinhas. Por isso, em Manaus misturam *rap* com bumba-meu-boi. Em Macapá, misturam com o marabaixo, som percussivo das comunidades

quilombolas. Nesta cidade, o que chama atenção é o número de grupos: apenas nove. Além disso, tem três grafiteiros, que lutam por reconhecimento e apoio.

CENTRO-OESTE

“O rap aqui é do pé rachado.” Foi assim que o MC Letal, da banda goiana Testemunha Ocular, definiu o rap de lá, ou seja, um rap de raiz, da terra. Eles misturam o gênero com a congada, catira, folia de reis, moda de viola. O movimento é um pouco dividido, não tem sede, e as bandas são poucas; mas não fica fora de cena.

Já o pessoal de Brasília parece priorizar mais as letras do que a batida. “Os rappers se preocupam demais em retratar o cotidiano violento e se esqueceram da musicalidade, o que prejudicou a receptividade em outras regiões do país”, diz a jornalista e dançarina de break Bianca Chiaviatti. Mas a receptividade em Brasília é grande, já que a cidade comporta grandes festivais, como o Abril pro Rap, que existe há quatro anos – porém, só em 2005 é que o graffiti e o break ganharam espaço. Os grupos de rap em evidência são: Vadios Loucos, Atitude Feminina, Veronika e Código Penal.

SUDESTE

No Rio de Janeiro e em São Paulo perde-se a conta de quantos grupos e organizações existem. Descobrimos até articu-

lações no Vale do Paraíba, em São Paulo, onde o hip-hop está presente em todas as periferias, embora de maneira desorganizada e desarticulada ainda. Em Jacareí, já existe a Associação Cultural e Educacional Nego Prettu – em vias de se tornar uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Lá funciona um Centro de Juventude onde acontecem diversas oficinas. Recentemente, em São José dos Campos, a Câmara Municipal aprovou um projeto de lei que cria a Semana Hip-Hop, que vai acontecer sempre em junho. A parte musical tem muita influência da capital de São Paulo, tanto na batida como com letras.

Como em São Paulo, a cultura hip-hop invadiu Belo Horizonte através do break. A dança chegou à cidade com filmes como *Break Dance*, ao qual os jovens assistiam muitas vezes para aprender os passos; depois se reuniam em espaços públicos para mostrar o que já sabiam. Uma curiosidade: como os *b.boys* se instruíam pela tela, acabavam invertendo as posições – dançavam espelhado. Essa característica, mais a mistura com a capoeira, resultou em um estilo próprio da região. O rap, hoje em dia, é o elemento com mais visibilidade em Belo Horizonte, mas o graffiti é o elemento que mais cresce, com amplo apoio do governo local.

A antropóloga Júnia Torres conseguiu listar mais de trezentos grupos de rap em sua dissertação de mestrado para a Federal

Texto 10 / Arte em evolução

de Minas Gerais. Entre os de maior destaque estão A Fuga, Retrato Radical e NUC – Negros da Unidade Consciente, que mistura no seu *rap* samba e cantiga de roda, além de levar para o palco apresentações de capoeira.

SUL

Parece que em Porto Alegre o *hip-hop* está bem ligado ao PT, que ajudou o movimento durante seus anos de governo. O Bazi, da banda Da Guedes, de Porto Alegre, revela: “Ganhamos um programa de televisão, o *Hip-Hop Sul*, do PT, há alguns anos atrás, porque o *hip-hop* gaúcho se aliou ao partido para auxiliá-lo na campanha. Em troca, disseram que gostariam de ter um espaço melhor e acabaram tendo”. Mas e agora que o PT não é mais governo? “Agora não tinha mais como tirar isso da gente. O espaço já está conquistado.” O fato é que o *hip-hop* se expandiu em todas as classes sociais. Tem muita gente fazendo *rap* em Porto Alegre – Nitrodi, Odisséia, Dependentes, Manos do Rap, Polêmica... são mais de sessenta grupos. O que prevalece nas letras é a situação da periferia em geral. Poucas letras falam da raça negra especificamente, já que em Porto Alegre a maioria da população é branca.

Em Curitiba, o movimento também cresceu depois que conquistou um espaço maior na mídia – hoje há três programas de rádio destinados ao do público *rap*. Os integrantes da banda Consciência Suburbana contam que o movimento está se profissionalizando, mas tende para a polarização: enquanto alguns assumem o discurso político-social, que eles chamam de “*rap* raiz”, com trabalhos que levam o *hip-hop* para as escolas e para as comunidades, outros fazem o *rap underground*, mais dançante e com temas mais alegres.

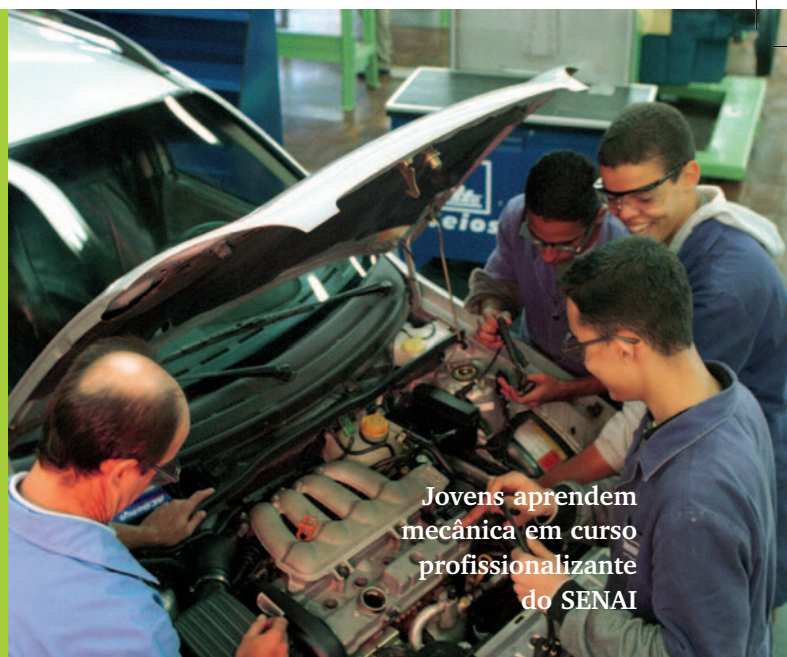
Em Florianópolis, o *hip-hop* ainda engatinha, como diz o grafiteiro Laídio, mas já conquistou muito espaço. Existem algumas organizações como a CH2F (Conexão Hip-Hop Floripa), Nação Hip-Hop e Hip-Hop Rua. O Nação Hip-Hop faz o Cinema na Favela, promovendo mostras de filmes nacionais e, depois da exibição, debates com alguns atores dos elencos. MV Bill costuma aparecer por lá, pois essa organização é filiada à Cufa – Central Única das Favelas. As outras organizações também desenvolvem trabalhos sociais, com oficinas sobre a cultura *hip-hop*.

Julia Contier é estudante de jornalismo.

Extraído da revista Caros Amigos, Edição especial Hip-Hop Hoje

O APRENDIZ

É proibido trabalhar antes dos 16 anos, mas se pode aprender a trabalhar desde os 14



Jovens aprendem mecânica em curso profissionalizante do SENAI

Renato Pompeu

No Brasil, pelo menos na letra da lei, não é permitido que uma pessoa com menos de 16 anos exerça emprego. Mas a Lei do Aprendiz, sancionada em 2000 e regulamentada em 2005, permite que, a partir de 14 anos, se façam cursos profissionalizantes, nos quais a pessoa pode ficar até completar 24 anos (se a pessoa sofre de alguma deficiência, pode continuar como aprendiz depois dos 24 anos de idade).

A cada contrato de aprendizagem, que tem de ser por escrito e não pode ter prazo de mais de dois anos, o empregador se compromete a instruir o aprendiz em tarefas específicas, adequadas para as características dos jovens, e o aprendiz se compromete a cumprir as tarefas que lhe são designadas. O contrato deve ser registrado na Carteira de Trabalho do Aprendiz, que, além do treino profissionalizante, deve freqüentar também o ensino fundamental até o fim.

Quem dá as aulas? O Artigo 8.o da Regulamentação da Lei do Aprendiz apresenta as entidades qualificadas:

Art. 8o Consideram-se entidades qualificadas em formação técnico-profissional metódica:

I - os Serviços Nacionais de Aprendizagem, assim identificados:

- a) Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI;
- b) Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC;
- c) Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR;
- d) Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte – SENAT; e
- e) Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP;

II – as escolas técnicas de educação, inclusive as agrotécnicas; e

III – as entidades sem fins lucrativos, que tenham por objetivos a assistência ao adolescente e à educação profissional, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Os dados estão aí; agora cabe a cada um decidir se vai ser aprendiz.

Renato Pompeu é escritor e jornalista

JUVENTUDE RURAL:

AMPLIANDO AS OPORTUNIDADES

Ricardo Abramovay

Fixar o homem ao campo: poucas expressões são tão populares e, ao mesmo tempo, nocivas a uma política de desenvolvimento rural capaz de mobilizar as melhores energias da juventude. "É poste, e não gente, que fica parado num só lugar", gostava de dizer o saudoso José Gomes da Silva, nome emblemático da luta pela reforma agrária no Brasil. E em nenhum outro momento da vida a mobilidade, o desejo de viver novas experiências e correr riscos são maiores que na juventude. Além de traço característico da juventude, o impulso para a inovação é evidentemente útil para a sociedade como um todo.

Inovações projetadas

Para que a propensão dos jovens à inovação se realize, entretanto, é necessário um ambiente social que estimule o co-

nhecimento e favoreça que as novas idéias tenham chance de se tornar empreendimentos. Uma das maiores doenças de nosso tempo está exatamente na incapacidade de as sociedades contemporâneas oferecerem perspectivas para que a inovação se concretize em projetos – privados ou sociais – construtivos.

Para isso, o mais importante é que o destino dos jovens não esteja traçado desde seu nascimento, como fatalidade. Ora, o pressuposto da tão propalada "fixação do homem ao campo" é que não há melhor caminho para os jovens rurais que sua transformação em agricultores. Há dois equívocos nessa suposição.

As sementes da evasão

Estudos mostram que parte importante dos jovens vivendo hoje em estabeleci-



Cortadores de cana de Guaíba, região de Ribeirão Preto – SP estão abandonando o trabalho por causa dos baixos salários do setor.

Foto: Vidal Cavalcante / AE

mentos agropecuários – e a grande maioria das moças, em especial – não deseja seguir a profissão dos pais. O trabalho limita-se ao oeste de Santa Catarina, mas é certamente representativo: mesmo em uma das regiões em que a agricultura familiar tem maior expressão social e econômica no país, um terço dos rapazes e quase dois terços das moças declaravam não querer continuar vivendo em estabelecimentos agropecuários.

Agricultores pluriativos

Uma política de desenvolvimento rural voltada para a juventude não pode limitar-se à agricultura. Os futuros agricultores serão cada vez mais pluriativos, suas rendas dependerão da agricultura, mas também de outras atividades. Quanto mais os jovens estiverem preparados para essas outras atividades – entre as quais se destacam as voltadas à valorização da própria biodiversidade existente no meio rural – maiores suas chances de realização pessoal e profissional. Além disso, nas regiões ru-

rais não vivem apenas agricultores. Não se pode ignorar esta realidade elementar e hoje sobejamente conhecida: o meio rural é muito maior do que a agricultura.

Uma verdadeira política de desenvolvimento rural deve associar uma educação de qualidade e estímulo para projetos inovadores que façam do meio rural, para eles, não uma fatalidade, mas uma opção de vida.

A política deve contemplar igualmente os jovens rurais que não querem ser agricultores, mas gostariam de permanecer em suas regiões de origem, valorizando seus círculos de amizade, contribuindo para o surgimento de novas atividades e evitando, na prática, a falsa oposição entre a monotonia e a pobreza da vida interiorana e os conhecidos problemas das periferias das grandes cidades.

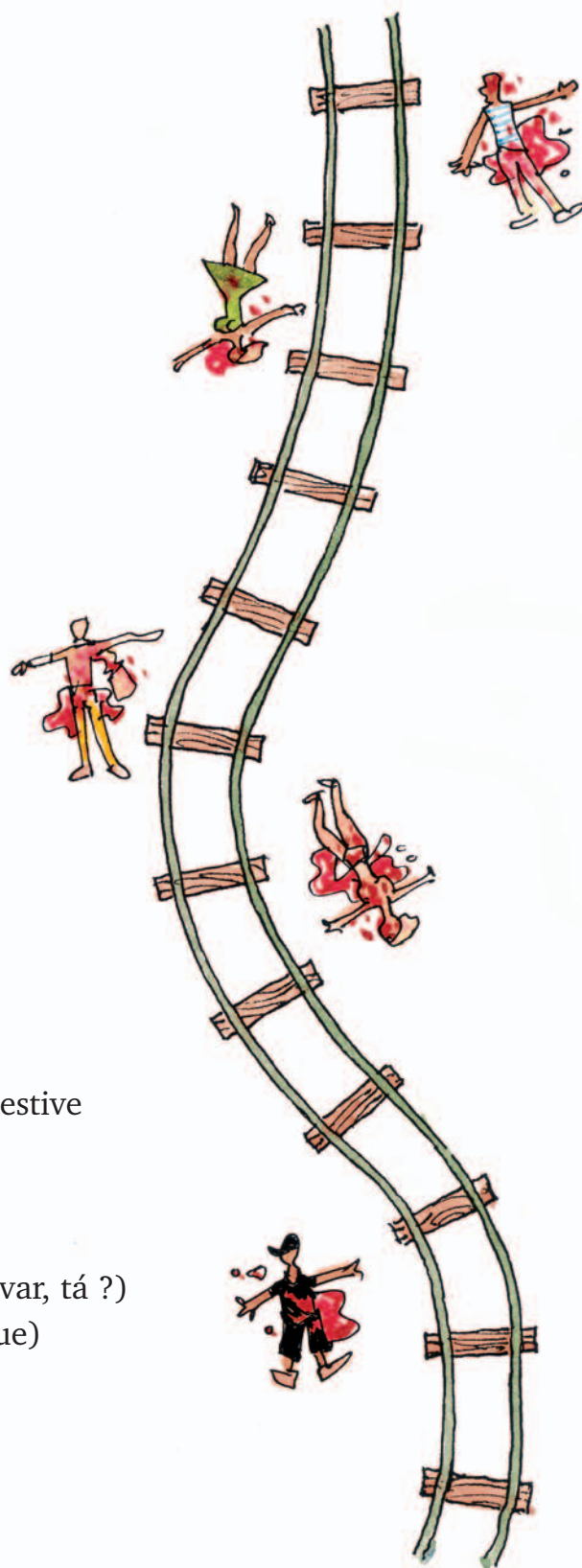
Ricardo Abramovay é professor titular do Departamento de Economia da FEA e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP - Pesquisador do CNPq - Organizador de Laços Financeiros na Luta contra a Pobreza (Annablume/FAPESP, 2004)
Extraído de <http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/>

O TREM

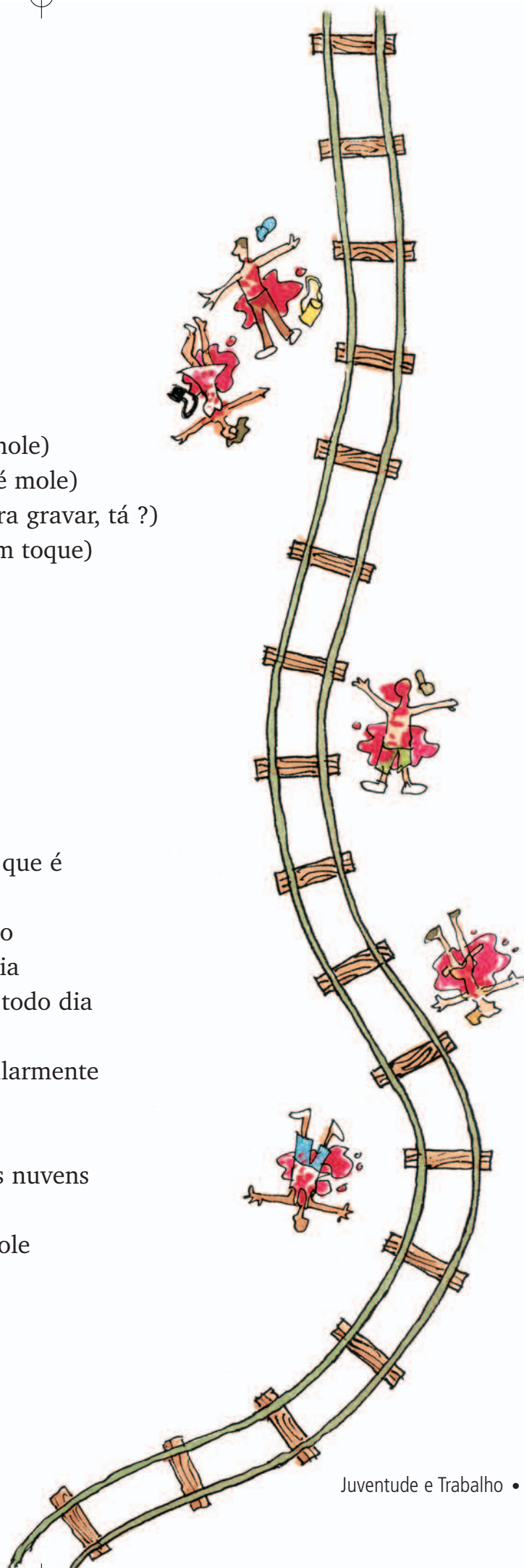
*Crônica da arriscada
viagem de todo dia
nos trens de subúrbio*

Composição: Rzo

Realidade é muito triste
Mas é no subúrbio sujismundo
O submundo que persiste o crime
Pegar o trem é arriscado
Trabalhador não tem escolha
Então enfrenta aquele trem lotado
Não se sabe quem é quem, é assim
Pode ser ladrão, ou não,
Tudo bem se for pra mim
Se for polícia fique esperto Zé
Pois a lei dá cobertura pra ele
Te socar se quiser
O cheiro é mau de ponta a ponta
Mas assim mesmo normalmente
O que predomina é a maconha
E aos milhares de todos os tipos
De manhã, na neurose, como
Pode ter um dia lindo
Portas abertas mesmo correndo
Lotado até o teto sempre está
Meu irmão vai vendo
Não dá pra agüentar, sim
É o trem que é assim, já estive, eu sei, já estive
Muita atenção, essa é a verdade
Subúrbio pra morrer, vou dizer é mole
Subúrbio pra morrer, vou dizer (é mole)
E agora se liga, você pode crer (é pra gravar, tá ?)
Todo cuidado não basta, porque (um toque)



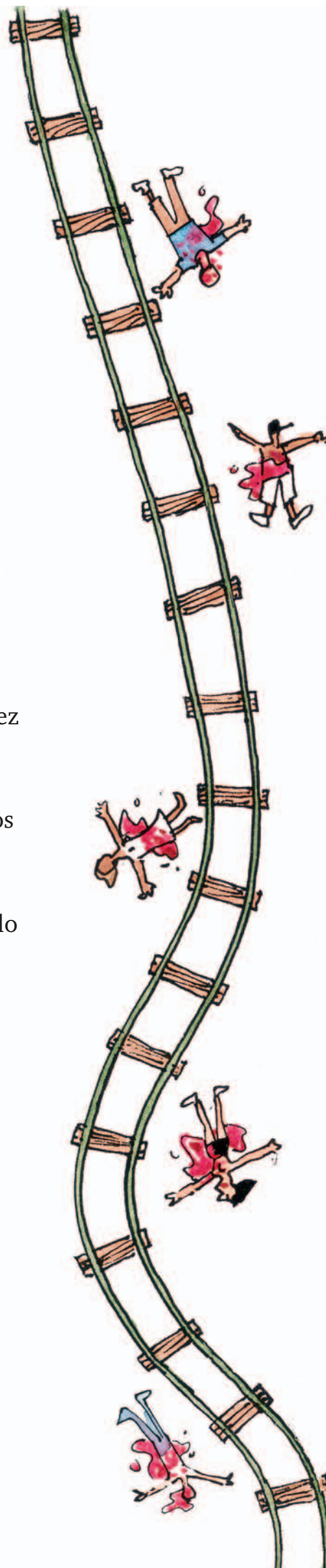
Subúrbio pra morrer, vou dizer (é mole)
Confira de perto, é bom conhecer (é mole)
E agora se liga, você pode crer (é pra gravar, tá ?)
Todo cuidado não basta, porque (um toque)
Subúrbio pra morrer, vou dizer..
Todos os dias mesma gente
É sempre andando, viajando,
Surfando, mais a mais não teme
Vários malucos, movimento quente
Vários moleques pra vender,
Vêm comprar, é aqui que vende
Quem diz que é surfista, é
Então fica de pé, boto mó fé, assim que é
Se cair vai pro saco
Me lembro de um irmão, troço chato
Subia, descia por sobre o trem, sorria
Vinha da Barra Funda há dois anos todo dia
Em cima do trem com os manos
Surfistas, assim chamados são popularmente
Se levantou e encostou naquele fio,
Tomou um choque
Mas tão forte que nem sentiu, foi às nuvens
Tá com Deus, mano Biro sabe
Subúrbio pra morrer, vou dizer é mole
(Refrão)



Texto 21 / Rotina do jovem

...E eu peço a Oxalá e então,
sempre vai nos guardar
Dai-nos forças pra lutar, sei vai precisar
No trem, meu bom, é assim, é o que é
Então centenas vão sentados e
Milhares vão em pé
E em todas as estações, ali preste
Atenção aos PFs
O trem pára, o povo entra e sai
Depois disso, o trem já se vai
Mas o que é isto? Esquisito
E várias vezes assisti
Trabalhador na porta tomando borrachadas
Marmitas amassadas, fardas, isso é a lei?
Vejam vocês, são cães, só querem humilhar toda vez
Aconteceu o ano passado em Perus
Um maluco estava na paz, sem dever
Caminhava na linha do trem sim, a uns cem metros
Dessa estação, preste atenção, repressão
Segundo testemunhas dali, ouvi
Foi na cara dura assassinado, mas não foi divulgado
E ninguém está, não está, ninguém viu
As mortes na estrada de ferro Santos-Jundiaí
E ninguém tá nem aí, Osasco-Itapevi,
do Brás a Mogi ou Tamanduateí
É o trem que é assim, já estive, eu sei, já estive
Muita atenção, essa é a verdade
Subúrbio pra morrer, vou dizer é mole
(Refrão)

Fonte ► <http://rappinhood.lettras.terra.com.br/lettras/70520/>



O JOVEM E SUAS COMPRAS

Desvendado o engano contido na frase “você é o que tem”.



Pesquisa mostra que o jovem médio brasileiro se acha mais considerado pelo que adquire do que pelo que ele é.

Os jovens brasileiros se interessam mais por compras do que os americanos. É o que diz a pesquisa *Os Jovens e o Consumo Sustentável*, feita por dois institutos especializados e divulgada pela Fundação Getúlio Vargas. O estudo trouxe revelações sobre como pensa a juventude na hora em que vai às compras, sua percepção da propaganda e dos impactos de suas próprias ações – dela, juventude – no meio ambiente e na sociedade.

A pesquisa foi elaborada a partir de um levantamento realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), no ano 2000, em 24 países. Cerca de 70% dos jovens brasileiros entrevistados disseram que se interessam pelo tema compras. Entre os norte-americanos, país de elevado consumo, o percentual é menor: 33%.

Jovens brasileiros são também os que mais gostam de televisão e os que menos se interessam por política e sociedade. Outro dado destacado é o que mostra a baixa noção de interdependência das ações do jovem com o mundo em que vive. Quase 60% dos entrevistados disseram que suas ações não têm impacto no mundo; 44% opinaram que suas atitudes não influem nem na cidade onde moram; e 24% afirmaram que suas ações não causam impacto nenhum nem em suas próprias vidas. Conforme a pesquisa, a grande maioria dos jovens brasileiros (59%) acha que o seu trabalho não tem impacto na sociedade, quer dizer, o jovem não se perceberia como parte de um todo. E o consumo seria o principal elo de sua ligação com o meio em que vive. Finalmente, cerca de 50% disseram que pessoas da sua idade consomem demais.

Fonte ► http://integracao.fgvsp.br/BancoPesquisa/pesquisas_

DEUS-DARÁ

O dilema de dar ou não dar dinheiro aos meninos no sinal



Ana Miranda

Na esquina da minha rua fica sempre o mesmo grupo de meninos, uns 7 ou 8 anos, com suas caixinhas de dropes, ou flanelas amarelas. São alegres, bonitinhos, a pele queimada, saudáveis, com o corpo de idade indefinida, aquela pequena estatura de criança, mas sem a ingenuidade infantil. Eles andam pela cidade sem a companhia de nenhum adulto, parecem rapazinhos, mesmo na maneira de andar e falar, bem espertos, astuciosos. Têm agasalhos surrados, mas que dão pro gasto; usam tênis, camisetas, bonés com a aba virada para trás. Quando eles me vêem, correm para a janela do meu carro, na maior algazarra. Se o sinal está aberto e passo dire-

to, eles correm para o outro quarteirão, em bando, e me pegam no sinal da avenida, bem mais demorado. Me chamam de tia, fazem sinal com dois dedos, abanando a cabeça e dando um sorriso de confiança, para que eu desça o vidro e ouça. Contam histórias de que precisam de dinheiro para comprar material escolar, ou estão sem almoçar, ou vão viajar no feriado. Eles me dizem que estudam, e trabalham ali para ajudar a família, e me dão nomes falsos, mas às vezes escuto os nomes verdadeiros de um ou outro, num descuido deles. O Fábio, por exemplo, se chama Wellington. Um tem o pai desempregado, outro não tem pai, outro não tem casa, outro não tem nada a não ser a rua. Quase sempre dou dinheiro. Às vezes, compro um iogurte para cada um, outras vezes cadernos e lápis, ou livros de histórias infantis, ou biscoitos. Mas um



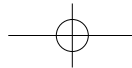
Foto: Cleber Bontato / AE

Leandro dos Santos Ribeiro (de camiseta azul), 11 anos, cursando a 6ª série, vende doces no trânsito de Caieiras, na Grande São Paulo, para comprar material escolar.

amigo meu, especialista em questões de meninos de rua, me disse que não devo dar dinheiro aos meninos, para não estimular o trabalho infantil, e que eu ajudaria muito mais se desse uma quantia mensal para uma associação que cuida de crianças. Um dia abri o vidro do carro e expliquei para o chefe deles, o Fábio, o que meu amigo havia dito, e que estava dando o dinheiro deles para uma creche. Ele ficou pensativo. No dia seguinte, veio me perguntar, mesmo, o que o meu amigo havia me dito, por que não se podia dar dinheiro para eles. Nas vezes seguintes,

eles ainda tentaram me convencer a dar algum dinheiro, pediam cada vez quantias mais ínfimas. Hoje passo na esquina, eles me vêem, eu os vejo, sentados na grama, na murada do restaurante, num caixote de madeira, eles acenam, conformados, alegres, e eu sigo com o coração oprimido por dúvidas. Eles ainda estão ali, em bando, vivendo a vida em seu dia-a-dia, crescendo de qualquer maneira, ao deus-dará.

Ana Miranda é escritora
Extraído da revista Caros Amigos nº 42



TEXTO 16

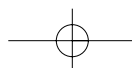
Desemprego juvenil

PROCURA-SE TRABALHO



Foto: Caio Gautel

Como os jovens enfrentam o desafio de um mundo que exige formação escolar cada vez melhor e ainda espírito empreendedor



Ao lado: Jovens aguardam à procura de emprego no Palácio do Trabalhador em São Paulo.

Inexperiência, indecisão vocacional, baixa escolaridade ou falta de oportunidade. São desafios que a maior parte dos jovens brasileiros tem de enfrentar quando começa a dar os primeiros passos em busca de trabalho. As estatísticas demonstram: só pouco mais da metade dos 34 milhões de jovens entre 15 e 24 anos têm algum tipo de ocupação.

Empregado, subempregado ou desempregado, rico, pobre ou remediado, nenhum jovem quer ficar onde está. Então vamos ver como eles driblam os obstáculos para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Iniciativa precoce

Alguns têm sorte de encontrar logo o caminho, como o carioca Edgar Nogueira. Aos 13 anos de idade ele ganhou um computador e inventou um *site* de busca, o aonde.com. Aos 21 anos, recém-formado em administração, segue feliz e resolvido com sua empresa e já mantém um segundo *site*, o namoro.com. Já a paulista Débora Tatiana Vilhena, 19 anos, abriu mão de alguns sonhos, para preservar

outros. Pobre, arranjou emprego de empacotadora de supermercado. “Precisava trabalhar logo”, diz ela, que abandonou o sonho da universidade. “Particular é muito cara; pública, muito difícil.

O potiguar Neilton de Freitas, 21 anos, aprendeu com a ONG Natal Voluntários que o caminho é difícil, mas ninguém deve se contentar com menos do que deseja. Ele terminou o curso de garçom. “Busquei o setor de turismo, forte na cidade”, conta ele, que antes tentou o mais brasileiro dos sonhos: ser jogador de futebol. Sua meta é ser intérprete de inglês.

E a experiência?

A mineira Angelina de Lima Ramos, 22 anos, passou um ano dando com a cara na porta antes de arrumar um emprego: faltava experiência. Conseguiu o de vendedora de uma loja de luminárias em Juiz de Fora e faz sua crítica aos obstáculos: “Como alguém com 16, 17 anos pode ser experiente se ninguém dá uma oportunidade? Uma tremenda injustiça”.

“O Brasil tem poucos com muita chance e muitos sem nenhuma”, avalia o carioca William Sebastião dos Santos Oliveira, 22 anos, que só pôde estudar até a 6ª série, porque precisou trabalhar cedo para ajudar em casa. Agora parece que encontrou sua vocação. Por meio da Incubadora Afro-

Texto 16 / Desemprego juvenil

Brasileira, que promove o empreendedorismo entre jovens afrodescendentes, desenvolveu sua empresa de grafismo e já vive de estampar camisetas e faixas.

Vocação elástica

O apicultor gaúcho Francis Leal Batista, 19 anos, cursa engenharia agrícola graças a uma bolsa do Programa Universidade para Todos, do governo federal. “Queria ser biólogo, mas não teria condições de pagar a faculdade. Aqui, encontrei minha vocação e tenho muito mais mercado”, comemora.

Com pouco estudo e sem experiência, a cearense A. G. F., de 19 anos, sente na pele as dificuldades de ingressar no mercado de trabalho. “Fiz até a 7ª série e depois que engravidei não deu para continuar os estudos. Quando meu filho nasceu, não tinha com quem deixá-lo e por isso não procurei emprego”, diz ela, que conta com a ajuda da avó para sobreviver.

Das ruas para o céu

Por muito pouco a baiana Luciana Xavier, de 21 anos, não engrossou o triste exército de desalentados. Dos 2 aos 14 anos, ela viveu nas ruas de Salvador, pedindo esmola, dormindo ao relento. Sua

vida só tomou outro rumo quando ingressou no Projeto Axé: “O Axé mudou os rumos da minha existência. Percebi potencialidades em mim mesma que não conhecia. Isso me ajudou a descobrir o que gostava de fazer. Terminei o curso de moda e virei estilista. Ganhei uma bolsa para estudar numa faculdade de moda de Florença, na Itália, e agora quero ser uma profissional revolucionária”, conta Luciana.

Escolha o caminho

Em São Paulo, o projeto Cidade Escola Aprendiz também está dando muito certo. Participante da primeira turma do Aprendiz, a paulistana Mônica Alves, de 23 anos, formou-se em arquitetura e trabalha na restauração de prédios no centro de São Paulo: “O Aprendiz me fez acreditar que eu poderia conseguir fazer o que gostava. O problema de alunos de escolas públicas, como era o meu caso, é não saber como concretizar os seus sonhos”.

Difícil acesso

Os jovens portadores de necessidades especiais ainda têm dificuldades maiores. Embora a legislação brasileira exija que empresas maiores reservem pelo menos 5%

de suas vagas a trabalhadores com esses problemas, a situação é complexa: a pessoa tem dificuldade para entrar no mercado não apenas por causa de suas limitações, mas também pelo preconceito e pelas deficiências na capacitação e atendimento a essas pessoas.

O Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (IBDD), do Rio de Janeiro, trabalha em favor da colocação de portadores de necessidades especiais. A carioca e estudante de direito Joana de Montenegro Roquete, 22 anos, se beneficiou. Ela tem uma doença degenerativa, precisa usar cadeira de rodas e conseguiu trabalho na consultoria jurídica da companhia Furnas Centrais Elétricas, como empregada terceirizada. “A lei que obriga as empresas a contratarem deficientes facilitou minha entrada no mercado, mas a maior dificuldade do portador de deficiência não é obter uma vaga e sim boa qualificação, principalmente pela dificuldade de acesso físico às instituições de ensino”, diz Joana.

Extraído do Portal Onda Jovem
http://ondajovem.terra.com.br/manchete.asp?ID_Edicao=8

A luta por um emprego

O subemprego é outra faceta do drama de muitos jovens, principalmente os pobres e com pouco estudo. Eles pulam de emprego em emprego, exercendo funções mínimas e corriqueiras. O mineiro A.L., de 16 anos, de Ipatinga, é exemplo. Há um ano largou a escola e foi trabalhar em um mercadinho do bairro. “É muito cansativo trabalhar o dia todo e ainda estudar à noite”, diz. E o emprego no mercadinho, sem carteira assinada, não foi o primeiro. Ele começou aos 14 anos numa oficina mecânica, já foi ajudante de pedreiro e balconista de bar. “Decidi trabalhar porque meus pais não tinham condições de me dar coisas que eu queria. Precisava ter meu próprio dinheiro, ganho salário mínimo. A situação não está fácil. Lá no mercado chega muita gente procurando trabalho. Por isso, eu tento de fazer tudo certinho, senão vem outro e toma minha vaga”, constata o garoto.



PRIMEIROS PASSOS

Os jovens têm a solução, mas quem os procura?



Há mais de 1 bilhão de pessoas no mundo que têm entre 15 e 25 anos de idade. Oitenta e cinco por cento desses jovens vivem em países em desenvolvimento, como o Brasil, onde muitos deles estudam, trabalham, e vivem na extrema pobreza.

Calcula-se que existam 180 milhões de desempregados no planeta, sendo que, desses, 74 milhões são jovens.

Um número ainda maior de pessoas, jovens e adultos, enfrenta longas jornadas de trabalho informal, lutando para conseguir sua subsistência.

Enquanto para alguns a globalização e a tecnologia oferecem novas oportunidades de trabalho, para muitos jovens estas mesmas tendências aumentam a dificuldade de arranjar emprego – sendo que a discriminação contra jovens mulheres é ainda maior.

Jovens pobres ou sem perspectivas encontram-se em maior risco de serem atraídos para comportamentos socialmente destrutivos. A sua energia, sua capacidade para a inovação e as suas aspirações são bens que a sociedade não pode desperdiçar.

Adaptado do site: <http://www.oitbrasil.org.br>

SE LIGA, MANO!

Angeli



— Você fica se perguntando o que vai ser quando crescer?
— Se liga, mano! Não raciocino sobre hipóteses!

Fonte ►



HIV E TRABALHO

A epidemia do HIV/Aids está afetando profundamente a estrutura social, cultural e econômica, constituindo-se em uma grave ameaça ao mundo produtivo, na medida que afeta a força de trabalho, impõe altos custos a empresas de todos os setores, diminui a produtividade, aumenta os custos trabalhistas e acarreta a perda de capacidades e experiências. Estimativas da Organização Internacional do Trabalho indicam que, hoje, pelo menos 25 milhões de trabalhadores, entre 15 e 49 anos de idade, estão infectados com HIV em todo o mundo.

Diante destes fatos, a Coordenação Nacional de DST/Aids vem promovendo ações sobre este tema no local do trabalho.

Em outubro de 1998, foi publicada uma Portaria do Ministério da Saúde, criando o Conselho Empresarial Nacional de Prevenção ao HIV/Aids no Local de Trabalho.

O Conselho tem como objetivo apoiar a resposta nacional frente à epidemia e viabilizar ações de sensibilização, mobilização, difusão de conhecimento sobre prevenção da Aids e a promoção da saúde junto às empresas.

Ao reconhecer que o problema do HIV/Aids é, também, uma questão do local de trabalho, a OIT criou, em novembro de 2000, o “Programa da OIT sobre HIV/Aids e o Mundo do Trabalho”. O objetivo do Programa é contribuir para a contenção da pandemia, sistematizando informações sobre o seu impacto no mundo do trabalho, combatendo a discriminação e a exclusão, desenvolvendo campanhas de conscientização e prestando assessoria a seus membros.

Uma das primeiras atividades do Programa da OIT foi a produção do “Repertório de Recomendações Práticas sobre o HIV/Aids e o Mundo do Trabalho”, elaborado em parceria com governos, empregadores e trabalhadores. O Repertório foi lançado pelo diretor geral da OIT na Sessão Especial das Nações Unidas sobre HIV/Aids, realizada em Nova York em junho de 2001. Este documento incentiva a prevenção e a assistência aos trabalhadores e suas famílias.

A partir dos princípios básicos de proteção dos direitos dos trabalhadores, de promoção do emprego, de proteção social e do diálogo social da OIT, o documento cobre temas como a prevenção, o treinamento, a testagem anti-HIV e a confidencialidade, a assistência e o apoio aos empregados infectados e afetados pelo HIV/Aids. São eles:

- 1.** reconhecimento do HIV/Aids como um problema do local de trabalho;
- 2.** não-discriminação e estigmatização das pessoas que vivem com HIV/Aids;
- 3.** promoção da igualdade de gênero;
- 4.** manutenção de um ambiente de trabalho saudável e seguro;
- 5.** promoção do diálogo social para estabelecer programas e ações conjuntas entre governos, empregadores e trabalhadores;
- 6.** proibição de exames (*screening*) para os candidatos a emprego ou pessoas contratadas;

7. garantia de confidencialidade sobre as informações relativas ao HIV/Aids de candidatos e empregados;

8. manutenção da relação de emprego;

9. desenvolvimento de ações de prevenção; e

10. garantia de assistência e apoio aos empregados e suas famílias.

Recomendações

Promover o conhecimento acerca das questões biológicas, psicológicas e socioculturais que envolvem a Aids de modo a preparar as empresas ou locais de trabalho para:

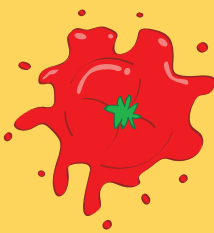
- reconhecer a Aids como um problema no local de trabalho como qualquer outra enfermidade;
- não exigir a apresentação do diagnóstico de HIV tanto para os futuros contratados quanto para os funcionários efetivos;
- respeito às necessidades dos portadores;
- garantir uma política de trabalho na perspectiva dos Direitos Humanos e em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, ser jovem e ter o primeiro trabalho é muito difícil, e se não tiver o primeiro trabalho não se tem experiência, porque não se tem experiência, não se consegue trabalho.

Tudo isso gera uma roda-viva muito complicada. Quando a questão da Aids vem se juntar ao contexto, a tal roda-viva se agrava tremendamente.

Extraído dos Cadernos da Unesco Brasil – 2002.



PARA ALÉM DOS OVOS E TOMATES



Cresce em número e qualidade o universo de eleitores jovens

Regina Novaes

Enquanto projetamos sobre a juventude o desencanto com as eleições atuais, presente em uma parcela da sociedade brasileira, as informações sobre o alistamento eleitoral, divulgadas recentemente pelo TSE mostram um aumento de 39%, em relação a 2002, do número de eleitores de 16 e 17 anos, faixa etária em que o voto é facultativo. Foi nesta faixa etária o maior crescimento proporcional de eleitores. Certamente estes números não falam por si, mas eles são no mínimo intrigantes (e fornecem uma pauta e tanto para meios de comunicação). Com a mesma indagação na cabeça, vale citar a pesquisa Juventudes Brasileiras, recentemente divulgada pela Unesco, que revela que 68,8% dos jovens de 15 a 29 anos acreditam que o voto pode mudar a situação do país e que 66,6% deles afirmaram não ser aceitável não votar nas eleições.

Por outro lado, a despeito das estatísticas que buscam dar conta do todo, há mui-

ta informação qualitativa disponível. São múltiplas as experiências de participação juvenil existentes no Brasil. Não se pode pensar nos grêmios estudantis, nos centros acadêmicos, nas juventudes partidárias e sindicais de hoje com os olhos de décadas atrás. Hoje – distinguindo-se e/ou identificando-se com aqueles espaços usuais da política – há posses de Hip-Hop, há jovens reunidos em diferentes tipos de ONGs e em movimentos sociais específicos. Redes de jovens mulheres, da juventude negra e indígena, de jovens rurais, de jovens pela livre orientação sexual, de jovens com deficiência atuam buscando inscrever seus direitos em diferentes espaços. A Rede dos Jovens do Nordeste, que há anos tem feito uma campanha pelo voto consciente, se organiza através do recorte regional. Grupos culturais, religiosos e esportivos também fazem parte de um cardápio amplo e plural. Mas há momentos em que as fronteiras (sociais e identitárias) existentes entre eles se suspendem produzindo combinações inéditas e desafiantes inter-





A nova geração de eleitores: a jovem Roberta Galvão, 18 anos, votando pela primeira vez, nas eleições nacionais de 2002.

loções. Alguns destes momentos surgem e ecoam no interior do Conselho Nacional de Juventude, onde se busca valorizar as diferentes formas de participação juvenil.

De fato, são múltiplas as expectativas da juventude brasileira. O convite é para que se conheça mais sobre as criativas e pouco divulgadas experiências em curso. Conhecendo, fica difícil dizer, *a priori*, que estes grupos não estejam produzindo em uma “linguagem jovem”, a não ser que se considere que tal linguagem seja monopólio de alguém ou de algum canal.

Para terminar, vale citar uma pesquisa realizada sob a coordenação do Ibase e Polis, em conjunto com outras ONGs, em

sete regiões metropolitanas brasileiras. Nesta pesquisa, amplamente divulgada, a grande maioria dos jovens entrevistados diz desacreditar dos políticos, mas acreditar na política e dela querer participar. Esta última frase pode parecer um mero jogo de palavras ou um enigma. Mas pode ser vista também como um convite dos jovens para que não se economize reflexão e para que faça um debate que possa resgatar o sentido mais profundo da política. Para além dos ovos, tomates e eleições.

Regina Novaes é antropóloga, secretária nacional adjunta de Juventude e presidente do Conselho Nacional de Juventude
Fonte ► Agência Carta Maior (<http://www.cartamaior.com.br>)



TEXTO 21

Participação política

MUDANÇA DE ESTILO

Jovens continuam participando da política, mas de outras formas, aponta pesquisa

Foto: Marcelo Ximenez / AE

Daniel Merli

Um em cada três jovens brasileiros participa de algum tipo de organização social. São grupos religiosos, de *hip-hop*, de *grafiti*, que não são vistos tradicionalmente como organizações políticas. Mas atualmente essas têm sido as formas de participação social dos jovens brasileiros.

As avaliações fazem parte de uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e pelo Instituto Pólis de Estudos e Assessoria em Políticas Públicas.

“Apesar de se comentar que o jovem brasileiro está em apatia, a pesquisa aponta um grande nível de participação juvenil”, destaca Ozanira da Costa, uma das coordenadoras do estudo. Apesar disso, os jovens têm buscado novas formas de participar da vida política, já que há um descontentamento grande com as formas tradicionais de participação, como partidos, sindicatos e

entidades estudantis. “A própria realidade do país não estimula esse jovem a participar da política tradicional”, lamenta Ozira da Costa, em entrevista ao programa Revista Brasil, da Rádio Nacional.

Essa realidade se reflete nos números. Dos 8.000 jovens entrevistados, em oito regiões metropolitanas, 28% fazem parte de algum grupo. Mas apenas 1% desses jovens participam de algum partido político. E apenas 0,7% está filiado a algum sindicato.

A principal forma de participação é em grupos religiosos (15%), seguida das associações esportivas (8%) e de grupos artísticos (8%). Para Ozanira da Costa, o resultado mostra a importância dos três temas – religião, esporte e cultura – para a juventude.

Um em cada cinco jovens respondeu “sim” à pergunta “Você já participou de algum movimento ou reunião para melhorar a vida do seu bairro ou da sua cidade?”. Desse público que já havia participado de alguma mobilização, 40% tinha como objetivo melhorar ou criar uma área de lazer



Grupo que faz trabalho voluntário com crianças na Escola do Retiro, em Pirituba. Na foto, da esquerda para a direita: Luana dos Santos, Paulo França, DJ Dudu, Domingos Lima e Adevaldo de Souza.

ou esporte. Os outros motivos foram segurança (34%), melhora de saneamento (29%) e de postos de saúde (27%).

Duas das chaves para essa participação, segundo a pesquisadora, são a renda e o grau de educação dos jovens. A pesquisa revelou que quanto maior a renda do jovem, maior seu grau de participação em organizações sociais. O mesmo vale para o grau de instrução.

“A grande ligação para que o jovem possa participar mais da vida política e da sociedade é a educação”, afirma. “Mas o jovem pobre tem uma grande dificuldade de acesso à educação e não tem estímulo. Já o jovem com renda familiar melhor tem condição de ir a uma escola particular e lá tem mais acesso à informação e mais estímulo para participar da vida política do país”.

A falta de acesso à informação é outro obstáculo à participação, segundo a pesquisadora. “A pesquisa mostrou que 85% dos

jovens se informam pela televisão. (...) Os jovens não têm acesso e as escolas não estimulam temas da atualidade”.

A pesquisa dos institutos Pólis e Ibase foi feita em dois períodos: julho de 2004, pouco antes das eleições municipais, e novembro de 2005, período da crise política que atingiu o Congresso Nacional. Foram entrevistadas 8 mil pessoas de 15 a 24 anos das regiões metropolitanas de Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Distrito Federal.

Depois da pesquisa quantitativa, foram escolhidos 900 jovens para uma pesquisa qualitativa. Segundo Ozira da Costa, foi usado um método canadense chamado de Grupos de Diálogo. São formados grupos de discussão sobre alguns temas para descobrir a opinião dos entrevistados sobre cada assunto.

Extraído do site: <http://www.radiobras.gov.br>

TEXTO 22

Participação política



NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR

Brecht

Desconfiai do mais trivial ,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo,
o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

SONETO DE JUVENTUDE

Dessa juventude serei vivente,
A alma eterna da vida, a minha prece,
Que de sonho e conquistas enriquece,
O ontem, o hoje, o amanhã e eternamente.

Quero vivê-la sempre intensamente,
Nos momentos de glória envaidece,
Na inquietação que a vida oferece,
No rosto que traz um sorriso ausente.

Se na rebeldia do inconsciente,
Encontra-se o desejo que estremece,
Amar, lutar, vencer, poder ser gente,

Ser um jovem que luta e não esmorece,
E mesmo que na ânsia se faz carente,
De viver o sonho nunca se esquece.

Dairi José Antônio Duarte
Cordeiros – BA



CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE APROVA POR ACLAMAÇÃO CARTA SOBRE ACESSIBILIDADE

O Conselho Nacional de Juventude aprovou por aclamação a Carta de Março, que discute a acessibilidade e inclusão social de jovens com deficiências.

A partir da situação de discriminação vivida pelo cantor e compositor Marcelo Yuka – ex-baterista da banda O Rappa e hoje membro do Conjuv – em setembro de 2005, denunciada e documentada pela Escola de Gente – Comunicação em Inclusão, publicada no jornal *O Globo*, o Conselho se mobilizou e solicitou à organização que redigisse um documento discutindo o tema acessibilidade para pessoas com deficiência. Abaixo, a carta:

Acessibilidade

A Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que existem 600 milhões de pessoas com deficiência no planeta – 400 milhões nos países em desenvolvimento. Ainda, segundo a ONU, a deficiência é tanto causa como efeito da pobreza: 82% das pessoas com deficiência do mundo, princi-



Foto: Wilton Junior / AE

palmente crianças e jovens, vivem abaixo da linha da pobreza. Dados do Banco Mundial apontam que pelo menos 79 milhões de indivíduos com deficiência estão na América Latina e no Caribe, dos quais 24 milhões no Brasil, de acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por que, então, atender às necessidades específicas de pessoas com deficiência ainda é considerado custo e não investimento pela maioria dos especialistas em políticas públicas?

Por que as políticas públicas continuam tratando pobreza e deficiência como questões isoladas?

De que modo as necessidades específicas da deficiência podem mudar o rumo de programas e projetos de desenvolvimento, como o combate à miséria e à fome?

No Brasil, mais da metade de crianças, adolescentes e jovens com deficiência é pobre (conforme dados da ONU) e raramente consegue participar de programas sociais em suas comunidades. Não costuma haver previsão de recursos no orçamento desses projetos – governamentais, não-governamentais e privados – para garantir a jovens com deficiência, direitos humanos como o de ir e vir e o de se comunicar. Direitos garantidos por meio de ajudas técnicas previstas em leis como intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), legendagem em programas de televisão e sessões de

cinema, material em braile e sites com acessibilidade de acordo com padrões nacional e internacional.

Agências de cooperação internacional, programas de investimento social corporativo e políticas públicas governamentais e não-governamentais continuam apostando primeiro na busca de soluções para a pobreza e, só depois, para a deficiência – enfoque que não vem trazendo os resultados esperados. A consequência desse modo dicotômico de perceber a juventude de um país é a falta de convivência de jovens com e sem deficiência e a perpetuação de práticas seculares de discriminação. Grande parte dos projetos de juventude no Brasil continua discriminando jovens com deficiência por absoluta inconsciência e desconhecimento.

No dia 2 de dezembro de 2004, o governo federal atendeu uma demanda histórica dos movimentos sociais que defendem os direitos de pessoas com deficiência: assinou o Decreto Federal nº 5.296, regulamentando as leis nos 10.048/00 e 10.098/00 e estabelecendo normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida (gestantes, pessoas com crianças de colo, pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, pessoas obesas, entre outras situações).

A regulamentação dessas leis representou um passo decisivo para a cidadania e inclusão de crianças, jovens, adultos (as) e

Texto 24 / Necessidades Especiais

idosos (as) com deficiência ou mobilidade reduzida, garantindo que o acesso à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, ao turismo e à cultura contemple a diversidade humana. O decreto trata de cinco eixos principais: acessibilidade no meio físico; acessibilidade nos sistemas de transportes coletivos terrestres, aquaviários e aéreos; acessibilidade na comunicação e na informação; acesso às ajudas técnicas; e existência de um programa nacional de acessibilidade com dotação orçamentária específica. A legislação brasileira é um exemplo mundial com relação à inclusão de pessoas com deficiência, o principal desafio é divulgá-la e colocá-la em prática, comprometendo todos os segmentos da sociedade brasileira neste processo.

Relacionando as questões da juventude com as específicas da deficiência, temos um panorama inédito. O país tem no momento a maior geração de jovens de todos os tempos: são 48 milhões de brasileiros (as) com idade entre 15 e 29 anos. Ao mesmo tempo, cresceu no país a percepção de que é preciso construir políticas públicas inclusivas para esse segmento, ou seja, abertas à diversidade, contemplando as características e as necessidades inerentes das infinitas juventudes, entre elas aquela formada por jovens com qualquer tipo de deficiência, hoje com baixíssima escolaridade. Nesse contexto, vem ganhando legitimidade como assunto estratégico e de relevância nacional a urgência em reconhecer os (as) jovens

brasileiros (as) como sujeitos de todo e qualquer direito, entre eles, direito à participação em todos os processos que lhes interessem direta e indiretamente.

A partir dessa conjuntura, a presidência da República lançou no ano de 2005 uma política nacional para a juventude, criando a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude. Estas decisões refletem um sistemático processo de aprendizado e reflexão do governo, sociedade civil, parlamento e organismos de cooperação internacional no tema; mas crianças, adolescentes e jovens com deficiência no nosso país continuam, na maioria das vezes, invisíveis para profissionais de todos esses setores. Não estão assegurados recursos e investimentos federais suficientes em todas as áreas de atuação de políticas públicas de modo a criar condições reais de inclusão de pessoas com deficiência na saúde, na escola, no trabalho, no transporte, na cultura, no esporte, no lazer e no acesso à comunicação e à informação.

O Conselho Nacional de Juventude já se posicionou com relação à acessibilidade e à inclusão de pessoas com deficiência no Brasil a partir da denúncia feita pela Escola de Gente – Comunicação em Inclusão, organização da sociedade civil que participa do Conselho, publicada no jornal *O Globo*, na coluna Ancelmo Góis, em 27 de setembro de 2005. A nota relata atos de discriminação contra o músico e poeta Marcelo Yuka, também membro do Conselho, durante



Apresentação de caoiteira com crianças deficientes na inauguração da sede da Associação de Assistência à Criança Deficiente, em Osasco, na Grande São Paulo

Foto: Sérgio Castro / AE

embarque no aeroporto de Brasília. Partindo do princípio de que governo, empresas e organizações da sociedade civil não devem impedir ou prejudicar o acesso de pessoas com deficiência a bens, serviços e direitos, para não ferir os princípios de legalidade, eficiência e moralidade, o Conselho Nacional de Juventude trabalha para garantir às pessoas com e sem deficiência o pleno exercício de direitos humanos e fundamentais, como o de ir e vir. O caso de Marcelo Yuka não é exceção, e sim regra. Não foi um acontecimento isolado. Diariamente, uma lista de pessoas com deficiência enfrenta situações de constrangimento e violação de seus direitos.

O Conselho Nacional de Juventude vem, desde sua criação, estabelecendo mecanismos de acompanhamento e avaliação dos programas governamentais destinados aos (às) jovens brasileiros(as), buscando aprimorar e integrar ações desti-

nadas a esse público. O objetivo é reverter o quadro atual de ausência de políticas específicas para tratar do tema com propostas concretas de mudança alinhadas com a legislação brasileira e filosoficamente inspiradas na força mobilizadora e transformadora da juventude.

Há pressa em disseminar o conceito de uma sociedade inclusiva entre jovens que se preparam e iniciam sua entrada na vida adulta – pessoal e profissional. O objetivo desta carta é tornar público para o Brasil o compromisso assumido pelo Conselho Nacional de Juventude de trabalhar para a criação de políticas públicas de juventude inclusivas, que simultaneamente ratifiquem a diversidade humana como um valor e combatam a desigualdade econômica e social.

Conselho Nacional de Juventude

Fonte: DefNet/Escola de Gente



ENSAIO: BRUNO MIRANDA

Quando pensei pela primeira vez em fotografar o movimento Hip-hop, uma coisa não saía da minha cabeça... Como vou fazer para me aproximar dessa galera tão ressentida com a vida? Escutei Racionais a minha adolescência toda. Sentia o desprezo que tinham por brancos nascidos em berço de ouro criados à base de sustagem e leite ninho coisa e tal. Eu não podia negar minhas raízes, fingir que era malandrão, sendo que nunca passara de um jovem de classe média que sempre teve acesso a tudo.

Depois de entrar na faculdade e alguns professores cheios de mestrados e doutorados me ensinarem a antropologia social estrutural aplicada na periferia, resolvi voltar, mas agora com um olhar

mais crítico. Muitas coisas escritas nos livros eu joguei fora antes de pegar o ônibus para dar um rolê.

Quando me encontrei com a galera do movimento capixaba, fiquei de cara: todos me receberam muito bem. Lógico que não rolou babação nem nada, mas me respeitaram e eu fiz o mesmo. Com o tempo, viram que eu não estava ali para brincar. Levava a sério, tentava ser um quinto elemento, e aos poucos conquistei meu espaço (e venho conquistando!).

Muito mais do que belas fotos e histórias interessantes, esse trabalho me fez ver a vida de outro jeito, alimentou minha alma artística, viver pela arte, pelo amor a uma causa, no meu caso a fotografia.

*Bruno Miranda é formado em jornalismo, nasceu em 1982.
Extraído da revista Caros Amigos*





A REDUÇÃO SÓ COMPLICA

Uma reflexão sobre as propostas de redução da idade penal em períodos eleitorais

Ariel Alves

Nos últimos anos, temos visto com frequência, principalmente nos períodos eleitorais, campanhas e projetos de lei sobre a redução da idade penal e o aumento do tempo de internação para adolescentes infratores. Essas campanhas e projetos são patrocinados por setores políticos que demonstram notória atuação reacionária e oportunista. Também participam familiares de vítimas de crimes praticados por adolescentes – que movidas, justificadamente, por forte emoção e dor, defendem a redução da inimputabilidade penal ou até a morte dos jovens autores de crimes.

Porém os signatários da campanha desconhecem ou preferem não conhecer as verdadeiras causas da violência no Brasil e

as distorções em torno da responsabilização penal dos adolescentes. A medida refletiria, necessariamente, no aumento da criminalidade – e não o contrário, como pugnam seus defensores. Vejamos sinteticamente algumas das principais questões que envolvem o polêmico assunto:

- Um recente levantamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo mostrou que os adolescentes são responsáveis por apenas 1% dos homicídios praticados no estado e por menos de 4% do total de crimes;
- Pelo contrário, os jovens são as principais vítimas da violência no Brasil. Conforme uma pesquisa realizada em 1999 pelo Movimento Nacional de Direitos Humanos, para cada adolescente que comete um crime, outros quatro são vítimas de crimes praticados por adultos contra eles. Um recente relatório da

Unesco demonstra que os jovens são as principais vítimas da falta de oportunidades, do desemprego, da exclusão social e, principalmente, da violência. Quase metade de todos os homicídios que ocorrem no país é praticada contra jovens com idades entre 15 e 24 anos. Esse é o mesmo perfil da maioria das vítimas da violência policial e dos grupos de extermínio em São Paulo: além de jovens, são negros e pobres;

- Os jovens com idades entre 18 e 25 anos representam 70% da população prisional brasileira, evidenciando que o Código Penal e suas punições não inibem os adultos jovens da prática de crimes. Portanto, também não serviria para intimidar os adolescentes entre 16 e 18 anos;
- A questão da inimputabilidade é considerada “cláusula pétrea”, se tratando de direito e garantia fundamental das crianças e dos adolescentes, sendo, portanto, inconstitucional qualquer emenda visando à modificação, conforme pode-se verificar nos artigos 5o, 228 e 60, parágrafo 4o, inciso IV da Constituição Federal;
- O Brasil ratificou a Convenção da ONU (Organização das Nações Unidas) de 1989, que define como crianças e adolescentes todas as pessoas com menos de 18 anos de idade, que devem receber tratamento especial e totalmente diferenciado dos adultos;
- As pesquisas que divulgam a defesa da redução da idade penal pela maioria da população partem de uma indagação equivocada e que induz a erro os entrevistados: “Você acha que os jovens com menos de 18 anos devem ser responsabilizados?”, partindo do pressuposto de que eles ficariam impunes. Na realidade, eles são devidamente responsabilizados, mas não pela lei penal e sim pela legislação especial (Lei 8. 069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente), que prevê no artigo 112 as medidas socioeducativas, que não vislumbram só a punição, mas principalmente a reeducação e socialização dos adolescentes infratores;
- Os crimes graves atribuídos a adolescentes no Brasil não ultrapassam 10% do total de infrações. A grande maioria (mais de 70%) dos atos infracionais, são contra o patrimônio, demonstrando que os casos de infratores considerados de alta periculosidade e autores de homicídios são isolados e o ECA já prevê tratamento específico para eles;
- A reincidência criminal no sistema penitenciário brasileiro é de 60%, já no sistema de internação da Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) de São Paulo, apesar da crise permanente da instituição descumpridora do ECA, a reincidência infracional é de 16%, segundo fontes oficiais. Isso demonstra que os

Texto 26 / Risco social

Menores presos
almoçam no
Instituto Padre
Severino, na Ilha
do Governador,
Rio de Janeiro.



adolescentes, por esforço próprio e apoio de entidades, estão mais propícios a serem recuperados. Nos Estados que cumprem o ECA, os índices são ainda menores, entre 1 e 5%;

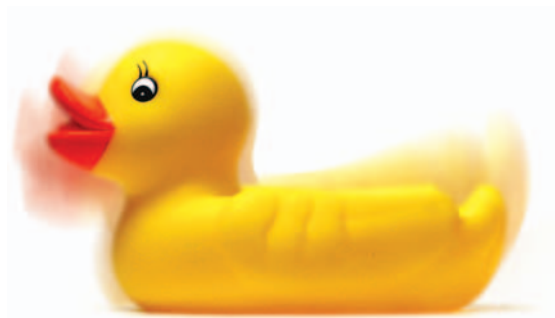
- Alguns países que reduziram a idade penal, como a Espanha e Alemanha, verificaram um aumento da criminalidade entre os adolescentes e acabaram voltando a estabelecer a idade penal em 18 anos (como mais de 70% dos países do mundo) e um tratamento especial, com medidas socioeducativas, para os jovens de 18 a 21 anos.

Tendo em vista as informações acima, será que vale a pena investir na formação de criminosos cada vez mais precoces ou cumprir o que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente, garantindo a inclusão social e os direitos da infância e juventude brasileiras? Vale uma reflexão!

Ariel de Castro Alves (ariel.alves@uol.com.br) é advogado, conselheiro nacional do Movimento Nacional de Direitos Humanos, vice-presidente do Projeto Meninos e Meninas de Rua, diretor do Sindicato dos Advogados de São Paulo e colaborador da Justiça Global. Extraído de www.rets.org.br

Foto: Tasso Marcelo / AE

A VERDADEIRA DANÇA DO PATINHO



BNegão

Eles traçam e destracam o seu caminho – É a dança – dança do patinho

Eles mandam uma qualquer e tu leva fé direitinho – É a dança – dança do patinho

Dança do patinho (a verdadeira!)

Você que assina contrato sem ler

Acha que a ONU se importa com você

Você que acredita no ouro nacional

Chegou a sua hora isso é fenomenal

Você que acredita no que falam na TV

Dá seu dinheiro pro pastor pra fazer sua fé valer (eh, eh...)

E pra você que acredita no velho azul-marinho, essa é sua dança

Dança do patinho (a verdadeira!)

Você que acredita na mega-sena, toto-bola, raspadinha e na garota de Ipanema

Você que acredita nos caras pintadas, acredita que o Brasil vai tá ganhando com a ALCA

Acreditou em inflação zero, no salário-desemprego

Mas não viu que o governo tava botando no seu...

Parabéns, você é perfeito, foi feito pra isso

Pra dançar a dança, a verdadeira...

Dança do patinho (a verdadeira!)

Você que toma volta quando quer ficar ligado

Acredita no bicho-papão e no aumento de salário

Você que paga seus impostos religiosamente, esperando algum dia uma aposentadoria decente

Você que acredita em alguma punição pros que roubam e colocam no... da população

E pra você que acredita que nunca foi lesado, cante comigo esse hino, esse é o meu recado:

braço em forma de asa, alterna pé e faz biquinho tu entrou na dança

Dança do patinho (a verdadeira!)

<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/06/283492.shtml>

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Juventude e trabalho / [coordenação do projeto
Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco,
Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação
Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ;
Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de
Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007,
-- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0059-2 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0059-8 (Unitrabalho)

1. Juventude 2. Livros-texto (Ensino Fundamental)

3. Trabalho I. Mazzeu, Francisco José Carvalho.

II. Demarco, Diogo Joel. III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0386

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19